

LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO

Peça em 2 actos e 15 quadros de MIGUEL FRANCO. Publicada em 1973.

Estreada no Teatro Maria Matos em 25 de Julho de 1975, numa encenação de Herlander Peyroteo.

[...]

A acção desenrola-se em 1807 – na altura da 1.^a invasão de Portugal pelas tropas francesas – numa cidade do centro de Portugal e seus arredores.

Os esbirros do Governador local interrompem uma reunião clandestina do «Farol da Liberdade», sociedade secreta que procura implantar dentro da velha monarquia portuguesa as grandes ideias da Revolução Francesa, mas os conspiradores conseguem escapar-se. Em casa do Bispo, o Governador informa-o da chegada iminente dos invasores franceses. O Bispo procura resistir, lutar contra «esta gentilha de hereges e libertinos». Mas os revolucionários recebem a notícia da chegada dos franceses com sincero entusiasmo. O Bispo decide ocultar os tesouros das igrejas da cidade dentro de velhos túmulos, convencido de que os franceses não ousarão «profanar» estes lugares sagrados e convence o Coronel a confiar-lhe as armas do seu regimento, pois que ele as esconderá podendo, mais tarde, virem a ser utilizadas na defesa da Igreja e da Fé, isto é, de tudo aquilo que deve ser preservado acima de todas as coisas. Miguel Lino, conhecido pelas suas ideias revolucionárias, é preso e, atrás das grades da prisão, ensina a Cecílio, o cego, a tocar «A Marselhesa» na sua ocarina e canta-a em francês em voz baixa. Na praça pública o abade exorta a multidão contra os invasores, «os filhos da horrível Revolução» e aponta Miguel Lino como traidor. Mas este é libertado por ordens superiores: a sociedade secreta foi considerada como um partido legal. No seio do «Farol da Liberdade» Miguel Lino opõe-se ao seu principal adversário, o Dr. Godinho, oportunista e bem falante, que pretende ir junto do general francês para receber dele os necessários poderes. É decidido aceitar o convite do Bispo para uma reunião a realizar em sua casa Juntamente com o Governador e o Coronel. A reacção procura agora obter os favores do seu «inimigo mortal», já que o não pode bater. O abade Inácio ensinou a um coro feminino da igreja o refrão da «Marselhesa». Tudo isto desgosta profundamente Miguel Lino; quando vem a saber que estão escondidas armas dentro da Igreja, decide esperar os franceses de igual para igual: se uns estão armados, os outros também o estarão. Mas os exércitos do Império já deixaram ficar para trás a Revolução e os nobres princípios que a inspiravam. Miguel Lino e os seus companheiros serão esmagados sem que ninguém tenha compreendido a justiça e a pureza da sua posição.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 218-219.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqt^a Paula Silva.